

## Uso de análise espacial para identificação de áreas de risco para ocorrência de dengue, São José do Rio Preto, 1994 a 2010

Thiago Pandossio<sup>1</sup>; Vanessa C S Custódio<sup>2</sup>; Francisco Chiaravalloti-Neto<sup>3</sup>

1, 2 - Acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP, São José do Rio Preto, Brasil; 3 - Docente da Disciplina de Epidemiologia e Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP, São José do Rio Preto, Brasil

Fontes de Financiamento: Bolsa de Iniciação Científica (BIC 2009/2010)

**Introdução:** O dengue é considerado a mais importante virose transmitida por artrópodes que afeta o homem em termos de mortalidade e morbidade, configurando-se como um problema de saúde pública gerador de gastos anuais de milhões de dólares. Até o momento, existem quatro sorotipos de vírus identificados, sendo todos pertencentes à família *Flaviviridae*. Técnicas de geoprocessamento e de análise espacial têm sido cada vez mais utilizadas para lidar com questões de saúde, especialmente com o dengue. **Objetivos:** Divisão do município de São José do Rio Preto em regiões censitárias e posterior análise dos principais locais de ocorrência da doença, segundo taxas de incidência, visando à estratificação de medidas de controle, de vigilância epidemiológica e consequente contenção de epidemias futuras. **Materiais e métodos:** Estudo ecológico, que procurou identificar áreas de risco geocodificadas através do uso de Indicadores Locais de Associação Espacial (LISA) e, em especial, do chamado Moran Local. O procedimento de geocodificação foi realizado através da aplicação das ferramentas disponibilizadas pelo programa MapInfo, tendo os casos de dengue sido previamente agrupados na divisão de 432 setores censitários como nível de agregação. **Resultados:** Considerando em conjunto todos os períodos anuais estudados (1994-2010), dos setores de nível socioeconômico mais baixo, 55,2% foram classificados como somente *high-high* ou mais vezes com *high-high* do que *low-low* (categoria de maior risco para transmissão do dengue) e 19,6% foram classificados como somente *low-low* ou mais vezes como *low-low* do que *high-high* (categoria de menor risco). Dos setores do primeiro e segundo níveis socioeconômicos intermediários, respectivamente, 44,8% e 41,1% foram classificados na categoria de maior risco e 31,8% e 35,5% na categoria de menor risco para transmissão da doença. Dos setores do nível mais alto, 70,1% foram classificados na categoria de menor risco e 14,9% na de maior risco. Entre 40 e 55% dos setores censitários dos níveis socioeconômicos classificados como mais baixo, primeiro e segundo intermediários foram incluídos na categoria de maior risco em contraposição a apenas 14,9% dos setores do nível mais alto. Dos setores classificados na categoria de menor risco, apenas 19,6% ocorreram no agrupamento de pior nível, em torno de 30% nos de níveis secundários e 70,1% nos de nível mais alto. **Conclusões:** A identificação de áreas de risco para dengue não parece gerar estratégias que produzam aumento da efetividade das medidas de controle. Talvez ela pudesse ser utilizada quando houvesse o risco de entrada de um novo sorotipo ou para priorização de áreas de risco para ocorrência de febre hemorrágica do dengue e de óbitos, como propõem determinados estudos.

Arquivos de Ciências da Saúde, Vol. 17, Supl. 1, 2010. ISSN 1807-1325 (CD-ROM)